

FURTADO, Celso. **Diários Intermitentes: 1937-2002**.
São Paulo: Cia. das Letras, 2019. 446 p.

Wilson Vieira*

Diários intermitentes (lançado em 2019) é um registro pessoal de Celso Furtado com muita riqueza histórica, ao nos fazer compreender cada vez mais a trajetória do intelectual que sempre em sua vida teve como objetos de estudo e de busca de transformação a nação brasileira, o subdesenvolvimento e a superação desse quadro em que o Brasil se encontrava (e ainda se encontra) inserido. A trilogia autobiográfica intelectual de Furtado¹ e o artigo “Aventuras de um economista brasileiro nos fazem acompanhar a sua trajetória intelectual e de ação a partir de sua formação nos seus estudos de juventude, do desenvolvimento de sua tese de doutorado na Universidade de Paris (Sorbonne)², da sua atuação na CEPAL (entre 1949 e 1958), do período na Universidade de Cambridge (Reino Unido) em 1958 para redigir *Formação econômica do Brasil (FEB)*, lançado em 1959, da luta para criar e dirigir a Sudene entre 1959 e 1964 e do período do exílio como pesquisador e professor universitário em Yale e principalmente em Paris (Sorbonne). Entretanto, são nos seus *Diários* que ampliamos nossa compreensão das suas reflexões e das suas ações a partir de seus relatos pessoais, além de podermos acompanhar a sua participação pela redemocratização do Brasil entre 1979 e 1984, sua atuação como embaixador do Brasil na Comunidade Econômica Europeia e como ministro da Cultura no governo Sarney (entre 1985 e 1988), e suas reflexões (após deixar o governo) até 2002, tempos não registrados em sua *Obra autobiográfica*.

Podemos destacar dos *Diários* elementos de permanência e de mudança na reflexão e na atuação de Furtado. Quanto às permanências, nos chamam a atenção três: o pensar o Brasil, a atuação para que o Brasil superasse o subdesenvolvimento pelo planejamento e sempre num contexto democrático, e, o papel do intelectual.

O pensar o Brasil como permanência na vida de Furtado pode ser comprovado ao observarmos nos *Diários* o seu projeto (registrado aos 18 anos de idade no Recife) de um livro de História da Civilização Brasileira, que se realiza em *FEB* vinte anos depois (cujo processo de elaboração está também registrado na *Obra autobiográfica*) e que em suas anotações de julho de 2000 o leva a recordar a missão que se atribuiu na sua ju-

*Professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE-UFRJ). Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Hegemonia e Contra-Hegemonia (LEHC) e do Laboratório de Estudos Marxistas (LEMA) ambos da UFRJ. Sócio do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.

¹A trilogia autobiográfica intelectual de Furtado está registrada nos livros *A Fantasia Organizada* (1985), *A Fantasia Desfeita* (1989) e *Os Ares do Mundo* (1991), publicados pela Paz e Terra. Estes livros mais o artigo *Aventuras de um Economista Brasileiro* (1972), o artigo *Entre Inconformismo e Reformismo* (1987) e mais um livro de ficção *Contos da Vida Expedicionária* (escrito em 1945) foram reunidos na *Obra Autobiográfica*, publicada em 1997 em três volumes pela Paz e Terra e depois em um só volume em 2014 pela Companhia das Letras.

²FURTADO, Celso. *Economia colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Hucitec, 2001 (versão em português e em livro da tese de doutorado defendida em 1948).

ventude de colocar o conhecimento como meio de transformar o mundo, sinalizando a influência do positivismo sobre o autor.

A outra permanência que captamos de Furtado em seus registros é a sua atuação para que o Brasil superasse o subdesenvolvimento pelo planejamento (tema de seu interesse desde a década de 1940) e sempre num contexto democrático. Destaca-se o seu esforço para que a Sudene pudesse ser constituída e como seu primeiro superintendente entre 1959 e 1964, suas articulações políticas e vinculadas aos debates com a sociedade civil, além da resistência daqueles que se opunham ao projeto, ao mesmo tempo que buscava sempre salvaguardar a instituição como órgão técnico e autônomo³. Nesse período cabe destacar de seus registros, no contexto da Conferência sobre Ciência nos Estados Novos (realizada em Tel Aviv, Israel, em agosto de 1960), uma conversa com senegaleses, sudaneses e congoleses sobre a Comissão Econômica para a África (criada em 1958) e as perspectivas para o continente, relatando a eles a experiência da CEPAL e a importância de elaborar uma política independente (tal como ele buscava fazer no Brasil), observando o ânimo desses jovens africanos. Após o exílio, vale destacar também a sua participação na Comissão para o Plano de Ação do Governo (Copag) em 1984-1985 para o mandato de Tancredo Neves.

E uma terceira permanência que podemos destacar se encontra no que Furtado pensa sobre o papel do intelectual, isto é, como alguém que deve estar disposto a interferir na realidade para superar os entraves ao desenvolvimento do ser humano de maneira geral e ao subdesenvolvimento brasileiro, em particular, quando, já no exílio, em 1964, nos Estados Unidos, atuando como professor de Yale, afirma (em 15 de outubro 1964) que nunca foi apenas ou principalmente um intelectual, mas também foi um homem de ação em relação aos problemas sociais.

Quanto aos elementos de mudança, podemos destacar como Furtado vê e sente o Brasil e o mundo sendo transformados no decorrer de sua vida e como se dá a sua atuação política.

Os registros de Furtado nos lançam em uma viagem no tempo, que mostra como a história vai se desenrolando, indicando-nos concretamente o que é o subdesenvolvimento brasileiro, quão árdua é a luta para superá-lo, como o Brasil está inserido no quadro do capitalismo mundial. Destacam-se os cenários da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, da mudança do jogo das relações internacionais após esse conflito, de maneira como a Guerra Fria conformou esse mundo até a década de 1990 e de que maneira a globalização traz desafios cada vez maiores às nações subdesenvolvidas.

Quanto à atuação política do intelectual Furtado, cabe observar que ela é diferente antes e depois do exílio. Antes do exílio, embora ativo e presente na vida nacional, o que se revela em sua participação como superintendente da Sudene, ministro do Planejamento de João Goulart, e outras funções que assume na vida nacional, não pertence a nenhum partido político. A partir de 1979, quando passa a vir com mais frequência ao Brasil, sua atuação política se dá dentro de um partido político (o PMDB). Participa da luta pela redemocratização de maneira mais intensa em 1984 (como registra nos *Diários*) e no período 1985-1988 (no governo Sarney), primeiro como embaixador

³Nesse período não se encontra registrada nos *Diários* a atuação de Furtado no Ministério do Planejamento, mas podemos encontrá-la em *A fantasia desfeita* (1989).

do Brasil na Comunidade Econômica Europeia e depois como ministro da Cultura. Relata como estruturou o ministério, os desafios dos planos econômicos e da dívida externa a partir de uma visão de quem está no governo e de como ele dialogava mais proximamente com Funaro e Bresser, mas mantinha distância maior de Maílson da Nóbrega. Furtado tinha posições críticas às atuações das diferentes equipes econômicas, mas as fazia nos bastidores, a fim de preservar uma imagem de unidade da equipe ministerial, mas era “monitorado” por seus opositores dentro do próprio governo. O autor nos relata também os bastidores da Assembleia Constituinte, mostrando principalmente a distância crescente entre Ulysses Guimarães e Sarney, em particular nos temas do sistema de governo (em que Ulysses, juntamente com Furtado, defendiam o parlamentarismo e Sarney o presidencialismo) e políticas sociais (com Ulysses defendendo o que foi votado pelos constituintes e Sarney, se posicionando contra a dois dias antes da votação desse tema).

Após sua saída do Ministério da Cultura, Furtado registra sua dedicação exclusiva à vida intelectual, deixando de atuar no governo e no partido, refletindo sobre as transformações no Brasil e no mundo, fazendo um balanço de sua vida de reflexão e de ação e lançando agendas de pesquisa e ação para as novas gerações.

Por fim, cabe aqui destacar que ler os *Diários* é uma forma não só de acompanharmos a rica trajetória de Furtado, complementando o que já sabíamos da sua *Obra autobiográfica*, mas também uma oportunidade de fazermos um balanço do projeto de construção da nação Brasil e pensarmos quais são as perspectivas e as possíveis soluções para a superação do quadro de continuidade do subdesenvolvimento e da dependência em conjunto com os riscos de recrudescimento do autoritarismo.